



A Pesquisa Qualitativa no Circuito das Notícias¹

Vilso Junior SANTI²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS.

RESUMO

Dar conta do processo jornalístico/comunicacional em sua “inteireza” é nossa aspiração máxima neste trabalho. Para tanto nele propomos discutir o acostamento entre o “Circuito das Notícias” (em suas distintas fases: *produção – texto – leituras*) e alguns dos pressupostos da “Pesquisa Qualitativa em Comunicação”. Tal estratégia teórico-metodológica, que parte de uma aproximação analítica entre o “Circuito da Cultura” de Johnson (1999) e o que qualificamos como o “Circuito das Notícias” (SANTI, 2009), almeja “redescobrir” o difuso viés qualitativo das pesquisas em comunicação, reconhecendo-o como “garantidor integral” (tanto da operacionalidade, quanto do entendimento) do sistema com o qual optamos aqui trabalhar.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Circuito das Notícias; Pesquisa Qualitativa.

Da Introdução

O artigo trata da aproximação teórico-metodológica entre os pressupostos da “Pesquisa Qualitativa”, do “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999) e o que convencionamos chamar de “Circuito das Notícias” (SANTI, 2009) na ótica dos estudos de comunicação e/ou do jornalismo. Tal aproximação busca uma abordagem integral/integradora dos fenômenos comunicacionais e se assenta tanto na necessidade quanto na possibilidade de integração ente os universos da *produção*, dos *textos* e das *leituras* que marcam a globalidade complexa e multifacetada do processo comunicativo.

Na materialização dessa aproximação, optamos por operar num ambiente teórico-metodológico formalmente não acabado, tomamos as práticas jornalísticas como um “Circuito” e procuramos conjugar o estudo da *produção*, dos *textos* e das *leituras* numa mesma mirada seguindo uma abordagem menos vertical e mais horizontal ou panorâmica.

Tratamos, por tanto, primeiro dos termos da aproximação do “Circuito da Cultura” para com o “Circuito das Notícias” e deste para com os pressupostos da “Pesquisa Qualitativa em Comunicação”. Depois especulamos acerca da efetiva utilização de algumas das ferramentas metodológicas da “Pesquisa Qualitativa” no deslinde dos distintos momentos do “Circuito das Notícias”. Ou seja, tentamos apontar e discutir quais dos múltiplos instrumentos qualitativos disponíveis aos estudos de comunicação poderiam ser efetivamente utilizados no trabalho de pesquisa das diferentes fazes do circuito e em sua operação processual.

1 Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

2 Jornalista, Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria, Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: vjrsanti@yahoo.com.br



Do “Circuito da Cultura” ao “Circuito das Notícias”

O “Circuito da Cultura”, conforme Johnson (1999) e Hall (2003), pode ser tomado um modelo de análise³ estratificado e não acabado (ver *Figura 1*) que tem na base os diferentes momentos dos processos culturais e que deriva de uma *leitura* que Marx faz do “Circuito de Capital” e suas metamorfoses. Já “Circuito das Notícias” sinaliza a possibilidade de um estudo integrador entre *produção*, *textos* e *leituras* além de permitir pensar cada momento do processo comunicativo/jornalístico à luz dos outros. Nele, o jornalismo pode ser visto como uma prática sociocultural e as notícias como um produto da cultura que pode ser transformado em seu uso.

O “Circuito das Notícias”, analogamente ao “Circuito da Cultura” de Johnson (1999), compreende três momentos distintos básicos: a análise da *produção*; a análise dos *textos*; e a análise das *leituras*. Embora esses momentos não sejam estanques e não obedeçam a uma sequência rígida, podemos, para fins de sistematização, analisá-los em separado já que isso possibilita um melhor entendimento de suas peculiaridades. Porém, é necessário ter sempre em mente os entrecruzamentos que acompanham esse processo que é rico, contínuo e sem limites definidos.

Cabe enfatizar, como aponta Johnson (1999, p.106), que o “Circuito” não foi apresentado como uma descrição adequada dos processos culturais ou mesmo de formas culturais elementares – inclusive daquelas manipuladas pelo fazer jornalístico; que ele não trata de um conjunto completo de abstrações em relação a qual toda a abordagem parcial possa ser julgada; e que não constitui, conseqüentemente, uma estratégia de estudo adequada se for tomado como a adição dos três grandes conjuntos de abordagens – *produção*, *textos* – *leituras* – usando-as cada uma em seu respectivo momento. “Isso não funcionaria sem que houvesse transformações em cada abordagem e talvez em nosso pensamento sobre momentos”. Diz ele:

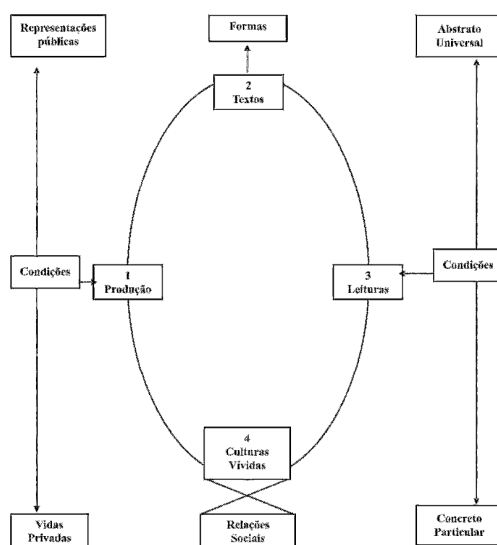
É importante reconhecer que cada aspecto tem uma vida própria a fim de evitar reduções, mas, depois disso, pode ser mais transformativo repensar cada momento a luz dos outros, importando – para outro momento – objetos e métodos de estudo comumente desenvolvidos em relação a um determinado momento (JOHNSON, 1999, p.106).

3 O diagrama do “Circuito da Cultura”, para Johnson (1999, p.33), tem por objetivo representar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais. Nele, cada quadro representa um “momento” e cada “momento” depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma. Segundo o autor, se estamos colocados em um ponto do circuito, não vemos, necessariamente, o que está acontecendo nos outros, já que as formas que tem mais importância para nós, em um determinado “momento”, podem parecer bastante diferentes para outras pessoas, localizadas em outro ponto. Tal percepção lastreia a proposta analógica de incursão relacional entre os pressupostos da “Pesquisa Qualitativa” e os distintos momentos do “Circuito das Notícias” na presente discussão.

O autor (1999, p.106) ainda recomenda que, também no jornalismo, aquelas pessoas preocupadas com estudos de *produção* e/ou codificação precisam examinar mais de perto, por exemplo, as “condições especificamente culturais de produção”. Segundo ele, nesse aspecto podemos e devemos buscar relações mais ou menos íntimas com a cultura vivida dos grupos sociais analisados, nem que seja apenas a dos próprios produtores. Johnson (1999, p.107) alerta ainda que, de forma similar, também precisamos desenvolver modos de estudos textuais que se articule com as perspectivas da *produção* e da *leitura*.

Figura 1 – Diagrama da produção, circulação e consumo dos produtos culturais.

(Johnson, 1999, p.35).



Ao tomar do “Circuito das Notícias” tomamos, portanto, de um circuito de sentido que possui momentos distintos, mas momentos articulados entre si. Tais momentos não têm um caráter auto-suficiente e por isso que, conforme com Hall (2003, p.339), temos de saber analiticamente, porque a *produção* e a *leitura* são diferentes, pois só assim poderemos apontar como eles se articulam. “Você tem de identificar as diferenças para saber o que as articula”, essa é a pista.

Dentro disso, a pergunta primordial que se coloca é: como “realizar” tal empreendimento? Pelo viés qualitativo da pesquisa em comunicação talvez seja a resposta. Porém, temos de lembrar conforme Johnson (1999) que ainda não há condições de abandonarmos totalmente as formas existentes de análise textual na efetivação de tal tarefa. Elas, no entanto, podem ser adaptadas ao estudo das práticas reais de produção e leitura dos diferentes públicos, em vez de simplesmente substituí-las.

No presente debate, através da adoção das matrizes da “Pesquisa Qualitativa” e do “Circuito das Notícias”, procuramos, por tanto, propor e operacionalizar uma estratégia de investigação que possibilite a análise de cada uma das etapas apresentadas por Johnson (1999)



em seu modelo cultural, destacando o inter-relacionamento das mesmas, à luz dos estudos de jornalismo. Ou seja, propomos estudar o jornalismo tendo como diretriz do ponto de vista qualitativo o circuito comunicacional, verificando todos os momentos desse processo (*produção – textos – leituras*) junto com seus pontos de intersecção.

Esse olhar qualitativo global sobre os produtos jornalísticos tem como premissa colocar em perspectiva conceitos e inferências que ficariam prejudicados se ancorados em um único ponto do “Circuito”. Tratamos aqui, portanto, de um arranjo teórico-metodológico híbrido, que permite o emprego de diferentes técnicas para a análise de um objeto específico dentro do campo jornalístico – desde que voltadas ao percurso de todo o “Circuito das Notícias”.

Da Pesquisa Qualitativa na *Produção* das Notícias

A *produção* na lógica do “Circuito das Notícias” é um processo social e histórico e, segundo Hall (2003), o lugar onde se “constrói” a mensagem. Nela, podemos abarcar as distintas narrativas associadas à construção dos produtos noticiosos e culturais. Nesse momento, também prestar atenção ao lugar da *produção* dos acontecimentos e não somente o lugar da *produção* das notícias parece-nos fundamental, pois, conforme Johnson (1999), não podemos perpetuamente discutir as condições sem nunca discutir os atos produtivos.

Nessa fase merece tratamento, portanto, a construção da notícia e do produto jornalístico em si. Nela parece pertinente observar as rotinas de *produção* e sua relação com as culturas vividas dos envolvidos, assim como os elementos concretos da *produção* e da organização da própria instituição produtora. Aqui, numa aproximação com a “Pesquisa Qualitativa”, podemos de maneira compósita utilizar como ferramentas, por exemplo, a observação das rotinas produtivas, a pesquisa participante, e as entrevistas individuais com os construtores da informação. Atuar no calor dos acontecimentos acompanhando todos os procedimentos desenvolvidos pelos produtores parece bastante interessante nesse desenho.

No momento *produção* do “Circuito das Notícias” o sistema de observação utilizado pode ser qualificado, de acordo com os postulados de Lessard-Hébert, Goyett & Boutin (2005, p.153), como narrativo – aquele que permite o registro escrito dos dados numa linguagem cotidiana. Tal registro pode ser realizado no local, no momento da observação dos acontecimentos e levar em conta o desenrolar de um conjunto de fatos, comportamentos e trocas que se produzem durante o período de tempo delimitado pela pesquisa.

A forma de registro dos dados utilizada nessa etapa pode ser a descrição pormenorizada feita por ocasião dos acontecimentos ou comportamentos que se produziram



no período de tempo estudado e/ou a redação de um diário de campo – um texto mais pessoal que pode registrar a percepção dos acontecimentos em função do quadro de referência, das questões de pesquisa, das dúvidas particulares e do próprio desenrolar da investigação.

Segundo Delgado & Gutiérrez (1995), Lessard-Hébert, Goyett & Boutin (2005) e Flick (2009) a observação participante é uma técnica de investigação que foi desenvolvida no quadro da antropologia cultural e está por natureza associada aos sistemas narrativos de registro de dados. Na observação participante o próprio investigador é o instrumento principal da observação. Nela o investigador pode compreender o mundo social estudado a partir do seu interior, já que vai partilhar da condição humana dos indivíduos que observa. Nesse tipo de pesquisa a interação observador-observado está a serviço da observação, que tem por objetivo recolher dados inacessíveis a um observador externo àquela ambiente.

Conforme Del Rinco (1995) apud Moya & Raigada (1998) a observação participante se caracteriza por ser um processo de investigação aberto e flexível, que pode ser redefinido ou reorientado em seu curso. Ela prevê a obtenção espontânea de informação em um cenário social natural; pode ser o marco para um estudo de caso em profundidade; trabalhar com uma perspectiva endêmica, ou seja, com as percepções e as vivências dos sujeitos implicados (e também do investigador); além de valorizar a lógica do descobrimento, orientada a gerar conceitos, hipóteses e teorias, muito mais do que a validar modelos.

No caso, para o momento *produção* do “Circuito das Notícias”, podemos lançar mão de recursos técnicos oriundos da pesquisa participante, basicamente por entender como indispensável considerar os preceitos de inserção do pesquisador no ambiente de ocorrência do fenômeno e sua interação com a situação investigada. Segundo Peruzzo (2008, p.130), essa perspectiva encontra respaldo no método dialético e possibilita a “captação dos fenômenos em todas as suas dimensões constitutivas, desde sua história e dinamicidade até as suas múltiplas determinações inerentes”.

A ambição nessa linha é apanhar o fenômeno em sua complexidade e profundidade, ou seja, desde suas origens, suas partes constitutivas e seus significados até suas transformações sofridas. Em outras palavras, procurar captar o “movimento” e nele compreender a “essência e todas as dimensões do fenômeno”. Consideramos, portanto, pesquisa participante aquela baseada na interação ativa entre pesquisador e grupo pesquisado e, principalmente, na conjugação da investigação com os processos mais amplos de ação social e de apropriação coletiva do conhecimento (PERUZZO, 2008, p.131).

Já, quando das entrevistas individuais, que cremos ser úteis como estratégia complementar para coleta de dados na fase da *produção* do “Circuito das Notícias”, podemos



lançar mão de um sistema tecnológico de registro de dados, conforme a classificação proposta por Lessard-Hébert, Goyett & Boutin (2005). Este, em relação aos demais sistemas, tem como vantagem principal garantir a conservação da informação tal qual era ela quando foi recolhida no trabalho de campo. Com o registro tecnológico dos dados podemos sempre rever o material, além de termos a possibilidade de colocá-lo sempre em relação com os dados recolhidos por meio de outras técnicas de registro.

As entrevistas nos estudos de jornalismo, conforme os preceitos de Delgado & Gutiérrez (1995) e de Cáceres (1998), podem carregar consigo, por exemplo, a ambição tanto de identificar o papel de cada agente dentro da complexa rede produtiva que envolve uma notícia; quanto confirmar as próprias condições em que essas produções se dão. Também averiguar o posicionamento de cada um em relação a sua prática profissional e às questões que envolvem determinada cobertura.

Creemos que tais entrevistas, no momento *produção* do “Circuito”, podem ser do tipo individual, semi-estruturada e em profundidade. Conforme Delgado & Gutiérrez (1995, p.230) a entrevista em profundidade é uma técnica qualitativa capaz de explorar um assunto através da busca de informações, percepções e experiências de informantes para depois analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Ela tem como característica principal a flexibilidade e procura intensidade nas respostas, não à quantificação.

Nesses termos a entrevista semi-estruturada em profundidade deve ser tomada como um construto comunicativo e não um simples registro de discursos de que fala o sujeito. Ela é, dessa maneira, um processo de determinação de um texto em um contexto. Não de isolamento de um texto, mas um processo de pontuação, um processo de organização dos feitos e das representações da conduta.

Para Duarte (2008, p.62), ela é um recurso metodológico que busca recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Por ter caráter qualitativo a entrevista semi-estruturada permite saber como determinado atributo é percebido pelo conjunto de entrevistados. Além disso, fornece elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Ela, segundo o autor, é uma ferramenta bastante útil para lidar com problemas complexos, pois permite uma construção baseada em “relatos da interpretação e experiências”.

A entrevista semi-estruturada e/ou semi-aberta é um modelo de entrevista que tem origem numa matriz, num roteiro de questões-guia que pretende dar cobertura ao interesse da pesquisa ao mesmo tempo em que empresta flexibilidade ao trabalho. Diz Triviños, (1990, p.146), que “ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que



interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo a medida que se recebem as respostas do informante”.

Conforme Ibáñez (1986) apud Delgado & Gutiérrez (1995, p.231) na entrevista semi-aberta não basta a resposta pontual e inicial, pois a informação inicial que o entrevistador transmite ao entrevistado catalisa um processo que em seguida se esgota e retorna ao equilíbrio. O entrevistador tem, por tanto, que atuar para provocar o entrevistado a falar evitando, porém, canalizar ou conduzir a sua fala.

Assim sendo acreditamos que ao manipular dados qualitativos oriundos da observação, da pesquisa participante e das entrevistas individuais podemos dar conta de mapear convenientemente o momento da *produção* no “Circuito das Notícias”. Além disso, cremos que de posse desse mapa podemos enfim explorar seu território em contexto com os demais momentos do Circuito, desenhando e/ou redesenhando o processo integral da comunicação.

Da Pesquisa Qualitativa no *Texto* das Notícias

O *texto* conforme Orlandi (1988) é o lugar, o centro comum de encontro entre autor e leitor, porém, descentrá-lo, ou seja, estudá-lo através das formas culturais que ele efetiva e torna disponível, parece-nos fundamental na lógica do “Circuito das Notícias” – já que esse contato se dá também em outras instâncias, fora do *texto* e dentro de determinado contexto (JOHNSON, 1999).

No trabalho com o *texto*, podemos utilizar como ferramenta primordial, embora ela não pertença estritamente ao escopo da “Pesquisa Qualitativa”, os preceitos da “Análise do Discurso” (AD) que levam em conta o homem na sua história e que procuram entender como um *texto* significa, prestando especial atenção ao movimento de instauração de sentidos.

Nessa linha, como para Orlandi (2001), podemos tomar o Discurso como efeito de sentido entre locutores e como fornecedor de representações da realidade baseadas em ideias preconcebidas; Formações Imaginárias (FIs) como projeções que permitem passar de situações empíricas para posições dos sujeitos no discurso; Formações Discursivas (FDs) como aquelas que autorizam o que deve e o que não deve ser dito em determinada configuração sócio-histórica compondo uma “região de sentidos”. E, Sequências Discursivas (SDs) como o trecho do *texto* que suporta a Formação Discursiva e que pode ser arbitrariamente recortado para análise.

Orlandi (2001) recomenda nesse ponto partir da materialidade do discurso presente no *texto* das notícias (por exemplo) com a finalidade de identificar as FDs, relacionando-as com



as FIs, para chegar às representações predominantes nos enunciados. Para tanto, primeiro podemos identificar no *texto* as SDs, apontar o sentido nuclear de cada uma e agrupar as SDs, em cada *texto*, conforme o seu sentido nuclear. Depois, se pode evidenciar a que FD elas pertencem e relacioná-las as FDs à sua correspondente Formação Imaginária (FI). “No método de análise fazemos o caminho inverso do discurso: partimos do *texto* para o que lhe é exterior”, esclarece Benetti (2007).

Em nosso entendimento, a Análise do Discurso pode relacionar-se diretamente com os pressupostos da “Pesquisa Qualitativa” e com a proposta do “Circuito das Notícias”, pois, como pontua Orlandi (2001, p.16), ela considera como fundamental a relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Ou seja, é uma análise que considera, também, aquilo que é exterior ao *texto* e o atravessa.

A questão que se coloca nessa abordagem é como um *texto* significa. Nela o processo de comunicação não é visto de forma linear, com uma clara separação entre emissor e receptor, atuando em sequência – primeiro um fala e o outro decodifica etc. – pois eles realizam ao mesmo tempo o processo de significação. Então ao invés da mensagem, o que se propõe pensar nessa perspectiva é o discurso. Orlandi (2001, p.21) aponta que o “discurso é o efeito de sentidos entre locutores” e,

[...] não se trata de transmissão da informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Nessa lógica, as condições de *produção* que constituem os discursos funcionam de acordo com certos fatores, dentre eles: relações de sentido, antecipação e relações de força. Portanto, não há discurso que não se relacione com outros. Um discurso sempre irá apontar para outros, que irão sustentá-lo, assim como sinaliza para dizeres futuros. Discurso, portanto, deve ser tratado como um estado do processo discursivo mais amplo, contínuo, sem começo absoluto ou ponto final.

Nesse processo, através do mecanismo de antecipação, o sujeito tem a capacidade de se colocar no lugar de seu interlocutor, ouvindo suas próprias palavras, antecipando-se a ele quanto ao sentido que as palavras podem produzir. Assim sendo, de acordo com o efeito que deseja obter, o sujeito pode escolher o modo como conduzirá o *texto*. Esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos de Formações Imaginárias (FI) – projeções que permitem passar das situações empíricas (os lugares dos sujeitos) para as posições dos sujeitos no discurso, como explica Orlandi (2001, p.39).



É dessa forma que sustentamos que análise de discurso oferece um ponto de vista conveniente para o estudo do *texto* no “Circuito das Notícias”, pois entende a linguagem não como um simples suporte para a transmissão de informações, mas como o que permite construir e modificar as relações entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes (MAINGUENEAU, 2002, p.20). Nessa medida, a linguagem constitui e não apenas descreve aquilo que é por ela representado. Assim, também os discursos não podem ser considerados como objetivos. Efetivamente, eles fornecem apenas representações da realidade baseadas sobre ideias preconcebidas.

Sustentamos também nessa abordagem que o discurso é uma forma de representar o conhecimento acerca de determinado tópico em determinado momento histórico. O discurso tem a ver com a produção de conhecimento através da língua, mas uma vez que todas as práticas sociais transmitem significados e os significados moldam e influenciam o que fazemos, todas as práticas têm um aspecto discursivo, diz Hall (1997, p.44).

Dessa forma, as Formações Discursivas (FDs) autorizam o que deve e o que não deve ser dito em determinada configuração sócio-histórica e podem ser discutidas aqui no âmbito da relação entre o discurso histórico e jornalístico. Assim, se pode considerar cada enunciado como um elo na cadeia de comunicação já que os enunciados são inerentemente intertextuais e constituídos por elementos de outros *textos*. Essa relação com o que é exterior, com o contexto de enunciação, e com o contexto sócio-histórico, para Orlandi (1988, p.194), mostra o *texto* em sua incompletude.

O conceito de Formação Discursiva vem de Foucault. Ela é comumente definida como aquilo que pode e deve ser dito em oposição ao que não deve e não pode ser dito. Nesse sentido, uma observação importante para o trabalho com FDs vem de Jacks, Machado & Müller (2004, p.32), segundo elas, “para agarrar uma Formação Discursiva, o analista precisa trabalhar com algumas regras de formação, ou seja, com aquelas regras que definem como um mesmo sentido é construído por enunciados distintos”. Para Foucault, o discurso está constituído por Formações Discursivas e não discursivas, sendo estas últimas tratadas por Michel Pêcheux como Formações Ideológicas e/ou Formações Imaginárias. Nesse sentido o discurso materializa pensamento e sentimentos. O discurso é efeito de sentido e não apenas produtor de sentido.

Conforme Jacks, Machado & Müller (2004, p.39) um discurso nunca se dá fora do contexto social, está sempre em relação com a exterioridade. Dessa forma ao analisar o discurso temos de partir da materialidade do mesmo (dos *textos*, por exemplo), e primeiro identificar as Formações Discursivas, apresentando em seguida um mapa de suas respectivas



Formações Ideológicas para então, a partir delas, chegar às representações que esses discursos movimentam.

Portanto, o conceito de discurso com o qual julgamos pertinente trabalhar é aquele defendido por Orlandi (1988, p.180): de linguagem em interação. Desse ponto de vista, a linguagem é observada em relação às suas condições de *produção*, ou, dito de outra forma, é aquele em que se considera que a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto, são constitutivos da significação do que se diz.

Segundo essa perspectiva, embora de fato o momento da escrita de um *texto* e o momento de seu consumo sejam distintos, na escrita já está inscrito o receptor e, na *recepção*, o receptor interage com o autor do *texto*. “O *texto* é o lugar, o centro comum que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte, autor e leitor”, diz a pesquisadora.

Da Pesquisa Qualitativa na *Leitura* das Notícias

Na lógica do “Circuito das Notícias” a *leitura* não pode ser tomada como um momento isolado do processo comunicacional, já que ela integra a dinâmica do “Circuito”. *Leitura* nessa ótica não é simplesmente assimilação, mas, conforme Johnson (1999), ela própria é um ato de *produção*. Cremos que a investigação nessa linha, aliada aos estudos qualitativos dos momentos *produção* e *texto* no “Circuito das Notícias”, permite, como almejamos, o completo desenho do processo comunicacional.

É importante observar dessa forma que as *leituras* são também interdiscursivas, pois nenhuma forma subjetiva atua por conta própria e que, devido a essa particularidade, as formas e as transformações culturais sempre acontecem nesse momento do “Circuito”. A *leitura* diz respeito, portanto, a uma atividade, um tipo de prática na qual o indivíduo percebe e trabalha o material simbólico que recebe (THOMPSON, 2005). Se na *produção* ocorre a fixação do conteúdo simbólico, na *leitura* o processo, mesmo que complementar, é inverso, por isso no “Circuito das Notícias” é importante atentar às práticas sociais de recepção entendidas como espaço de *produção* de sentido.

É na *leitura* então que os *textos* em circulação adquirem valor social e efetividade simbólica. Nela, segundo Escosteguy (2007), é possível identificar algumas “posições-tipo” de decodificação que são postos hipotéticos a partir das quais as retaduações de um discurso e as representações que ele movimenta podem ser tomadas. Essas “posições-tipo” são, conforme Hall (2003), classificadas em: “hegemônicas ou dominantes”, onde o leitor opera dentro do que foi proposto pelo produtor; “código negociado” no qual o leitor reconhece as



definições hegemônicas, mas se permite adaptá-las; e “código de oposição” segundo o qual o leitor se posiciona de modo contrário ao produtor.

Assim, seguindo os preceitos da “Pesquisa Qualitativa” percebemos que, para o estudo do momento da *leitura* no “Circuito das Notícias”, diferentes ferramentas podem ser empregadas: grupos focais, pesquisa participante, pesquisa-ação, entrevista, história oral etc. No entanto o método de trabalho que sugestivamente escolhemos para aqui desenvolver é o grupo focal, devido a sua operacionalidade e melhor adaptação ao arranjo teórico-metodológico delineado. Porém, informações complementares relacionadas à observação das rotinas de *leitura* e aos dados recolhidos por conta de uma pesquisa participante (conforme descritos no momento da *produção*) também podem ser utilizadas na composição de um diário de campo simplificado e/ou de qualquer outro tipo de registro que posteriormente possa ser empregado nas análises.

Conforme Costa (2008, p.180), o grupo focal é uma ferramenta de “Pesquisa Qualitativa” que ajuda a identificar tendências, a desvendar problemas e a buscar a sua agenda oculta. “O grupo focal permite a reflexão sobre o essencial, o sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas”.

Delgado & Gutiérrez (1995, p.292) esclarecem que o grupo de discussão e/ou grupo focal é uma técnica de investigação social que trabalha com a fala. Nela o que se diz é assumido como um ponto crítico onde o social se reproduz ou muda, já que em toda fala se articula a ordem social e a subjetividade.

O grupo de discussão é, por tanto, um artifício metodológico que reúne diversas modalidades de grupos em uma articulação específica. É um grupo teoricamente artificial. Sua existência se reduz a situação discursiva e por isso se pode dizer que ele tem um caráter transitório, não permanente. É, dessa forma, somente um “grupo possível” que pode ser reunido pelo pesquisador e por conta da pesquisa em questão. Tal grupo deve sempre trabalhar no sentido de produzir algo e existe por e para esse objetivo.

Nesses termos o grupo de discussão acaba por instalar um espaço de opinião grupal. Institui-se como a autoridade que verifica as opiniões pertinentes, adequadas, verdadeiras ou válidas. Nele os participantes fazem uso do direito de fala – emitir opinião – que é regulada pelo intercâmbio grupal.

Para Delgado & Gutiérrez (1995, p.295) o grupo de discussão se diferencia de outras técnicas de pesquisa fundamentalmente porque constitui um dispositivo que permite a reconstrução do sentido social numa situação grupal-discursiva. Ele é um dispositivo desenhado para investigar os lugares comuns – esses “espaços topológicos de convergência”



que recorrem à subjetividade e que é assim podem ser caracterizados como intersubjetivos. A dinâmica do grupo de discussão articula, por tanto, um grupo em situação discursiva e um investigador que embora não participe do processo de fala, o determina.

De acordo com Moya & Raigada (1998, p.114) o grupo de discussão se apresenta como uma técnica qualitativa de reunião de grupo que permite obter um conhecimento aproximativo da realidade social que se pretende investigar, mediante a comunicação que se produz em seu seio. Ele, no fundo, vem conformar-se como uma representação “micro” de uma “macro” situação social. No grupo é possível captar determinadas necessidades, interesses e preocupações individuais e coletivas diante de um tema ou problema apresentado, além de permitir o mapeamento de motivações e atitudes, percepções e sentimentos, crenças e opiniões, suscitadas em seu decurso e que de outra maneira permaneceriam inéditos.

O grupo focal permite, ainda, como pesquisa qualitativa, compreender e não inferir ou generalizar. Permite perceber os aspectos valorativo e normativo que são referência em um grupo particular. É, na verdade, uma “entrevista coletiva” que apresenta como vantagens na hora do trabalho a campo a sinergia gerada pela participação conjunta do grupo de entrevistados; a interação entre os participantes, o que enriquece as respostas; a flexibilidade na condução do roteiro de perguntas; e a profundidade e a qualidade das verbalizações e expressões (COSTA, 2008, p.181-182). O grupo focal, diz a autora (2008, p.183) “é altamente recomendável quando se quer ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado e quando se quer aprofundar o conhecimento de um tema”.

O grupo de discussão é, por extensão, uma pesquisa que aspira buscar tipos específicos de informações a partir dos depoimentos de um grupo de indivíduos claramente definido. Sua preparação começa pela elaboração de um roteiro guia de entrevistas o qual não deve nunca funcionar como uma camisa-de-força. Para montagem do roteiro, no entanto, é necessário ter em mente os objetivos da entrevista e o foco da dinâmica na pesquisa. Como recomenda Costa (2008, p.184), um roteiro de perguntas deve conter por volta de 12 questões. A dica é que ele “comece com perguntas amplas, divergentes e desestruturadas; utilize perguntas focais, convergentes e estruturadas na sequência; e depois, na finalização do roteiro, novamente perguntas genéricas e amplas”.

Na presente articulação propositiva a utilização da técnica grupo focal para análise do momento da *leitura* no “Circuito das Notícias” se justifica por algumas razões tais como: permitir aliviar a tensão entre campos sociais distintos; refletir sobre um conjunto amplo de percepções; além de propiciar o acompanhamento da fluidez do dia-a-dia, sem tomar posições



definitivas ou radicais. Segundo Costa (2008, p.189), a técnica permite não só “analisar as estruturas discursivas”, mas também “compreender várias alternativas de métodos que podem ser adotados” e que, se integrados, geram uma riqueza de perspectivas.

O grupo de discussão é, dessa forma, uma ferramenta que não exige a identificação ou a autoria das respostas. Os respondentes podem ser identificados por números (Leitor 1, por exemplo), pois o foco é identificar as tendências sem expor os participantes. De acordo com Puchta (2004), os grupos focais representam um oásis de liberdade no grande deserto determinista dos questionários. Por outro lado, neles se percebe a necessidade de saber administrar essa liberdade, a fim de que ela se faça presente, tanto na condução dos trabalhos para que as repostas sejam as mais espontâneas possíveis; quanto na análise dos dados, permitindo identificar pistas e conexões para documentar os mais variados pontos de vista e percepções. O grupo focal, enfatiza Costa (2008, p.192), “é uma alternativa valiosa para quem quer ouvir, perceber e compreender as experiências e crenças dos participantes de um grupo”.

Das Considerações Finais

Como dissemos contribuir para superar estratégias fragmentárias e parciais, frequentemente utilizadas nos estudos de comunicação/ jornalismo foi nossa aspiração primeira nesse trabalho e, contribuir para dar conta da integralidade do processo comunicacional, ao menos em nível teórico-metodológico, nosso megalomaniaco objetivo com esse texto.

Cremos desse modo que as considerações aqui apresentadas, primeiro acerca da transposição analógico do “Circuito da Cultura” para com o “Circuito das Notícias” e depois da aproximação deste para com os pressupostos da “Pesquisa Qualitativa” através de algumas de suas ferramentas, pode sim contribuir para o deslinde do processo comunicacional em sua “inteireza”.

Acreditamos que estudar qualitativamente a *produção* através da observação sistemática, da pesquisa participante e das entrevistas individuais semi-estruturadas; qualitativamente o *texto* através da análise do discurso; e qualitativamente a *leitura* também partindo da observação e da pesquisa participante, mas tendo como foco principal o grupo de discussão e/ou o grupo focal, mesmo parecendo uma missão impossível, pode sim produzir resultados satisfatórios respondendo adequadamente a ambição integral que nos move. Gerir e relacionar os dados obtidos com essa aproximação, no entanto, depois do desenho desse arranjo, parece ser o próximo desafio a ser enfrentado, para o qual ainda não temos respostas definitivas.



No entanto, parece-nos claro que apesar de fundamental esse tipo de estratégia combinatória analítica só é possível, como procuramos apontar, quando as práticas socioculturais como o jornalismo, são tomadas e relacionadas conforme um esquema capaz de conjugar as instâncias de *produção*, do *texto*, e da *leitura*.

Dessa forma o “Circuito das Notícias”, nesse arranjo, tem de ser tomado como algo vivo, multifacetado e rico em possibilidades, porém, inevitavelmente, ele apresenta fragilidades. Como procuramos analisar os distintos momentos do processo comunicativo em integração, conjugando-os aos instrumentos qualitativos de avaliação, temos somados aqui os limitadores encontrados pelos pesquisadores que se dedicam a cada uma delas, mais os obstáculos que se impõem por considerarmos o todo.

Porém acreditamos que é somente a partir de novos pontos de vista, como este, que conseguiremos reelaborar velhas formulações e elevar os estudos de comunicação/jornalismo, quem sabe, para um novo patamar, dentro do campo da cultura e do universo de *produção* simbólica, sem negligenciar aquilo que realmente lhe dá vida – os seus processos.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudos das vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 107-122.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

CÁCERES, Jesús Galindo. **Sabor a ti: Metodología cualitativa em investigación social**. Xalapa: Universidad de Veracruz, 1997.

CÁCERES, Jesús Galindo (coord.). **Técnicas de investigación em sociedad, cultura y comunicación**. México: CNA/ Addison Wesley Longman, 1998.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. p.180-192.

DELGADO, Juan Manuel & GUTIÉRREZ, Juan. **Métodos e técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 62-83.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: Um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**/ Escola Superior de Propaganda e Marketing. V.4, n.11. São Paulo: ESPM, 2007.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.



HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) **Representation** – Cultural representation and cultural signifying practices. Sage/ Open University: London/ Thousand Oaks/ New Delhi, 1997.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

JACKS, Nilda, MACHADO, Márcia B. y MÜLLER, Karla. **Hermanos pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LESSARD-HÉRBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel & BOUTIN, Gérard. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

MAINGUENAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MOYA, Juan Gaitán & RAIGADA, José Piñuel. **Técnicas de investigación en comunicación social**. Elaboración y registro de datos. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. Campinas: Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**. Campinas: Pontes, 2001.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. p.125-145.

PUCHTA, Cláudia. **Foucs group practice**. Thousand Oaks: Sage, 2004.

SANTI, Vilso Junior. **As representações no circuito das notícias: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Jornal Zero Hora**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.